

Caminhos para o Rio: entidades e especialistas fazem projetos para resgatar a relevância da cidade

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

RIO — O Rio tem alguns dos maiores símbolos do Brasil, como o Cristo Redentor e o Bondinho do Pão de Açúcar. De tão maravilhosa, a cidade é a porta de entrada do país para o turismo internacional e respira cultura. E, quando se fala em grande evento — caso do Pan 2007, da final da Copa de 2014 e da Olimpíada de 2016 —, só dá ela. Mas, a despeito de tantos atributos, sinais de decadência se refletem em números. A participação carioca no PIB nacional despencou de 13,63%, em 1958, para 5,20%, em 2018 (último dado disponível). A informalidade na capital fluminense também cresceu mais que no Brasil, enquanto os empregos com carteira assinada tiveram uma queda muito superior à nacional.

Investimento: Na Região Portuária, inovação e tecnologia devem ocupar área de dez mil metros quadrados em nova empreitada

Na contramão da crise, vêm surgindo projetos, estudos e ações, que, por caminhos diferentes, têm uma meta comum: resgatar a relevância da cidade, seja nos negócios, no turismo ou como um lugar agradável de se viver e circular. Pesquisadores, instituições e o próprio poder público fazem, cada um, seu dever de casa na tentativa de reerguer o município.

. Foto: Editoria de arte

. Foto: Editoria de arte

PUBLICIDADE

A Federação das Indústrias do Estado do Rio (Firjan), por exemplo, quer incentivar a vocação natural da cidade para o turismo. Acaba de concluir um estudo defendendo a importância de transformar o Galeão num hub de distribuição de passageiros Brasil afora.

Resistência: De Ipanema ao Porto, restaurantes e bares do Rio se unem para sobreviver à crise

— A privatização do Aeroporto Santos Dumont não pode ser feita pelo maior valor, como quer o governo federal. O Santos Dumont tem a vocação de ponte aérea, de voos de curta distância. Não temos número de passageiros suficiente para termos dois aeroportos, um concorrendo com o outro. Cada um tem a sua vocação. Temos que levar densidade para o Galeão, para ele poder ser ligado a toda a malha aérea brasileira e receber voos internacionais. O Tom Jobim é melhor do que Guarulhos (SP), que está muito atolado. As pistas do Galeão estão entre as melhores do mundo. Vamos deixar aquilo ocioso? — questiona Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan.

Competitividade

É da Firjan também o estudo Rio Canteiro de Obras, que detalha iniciativas na área de mobilidade de impacto na competitividade regional e fluminense. Entre elas, a restauração da Linha Vermelha, a conclusão da Linha 4 do metrô (General Osório-Barra) e a implantação de metrô leve ligando o Estácio ao Galeão.

Sustentabilidade: Aeroporto do Galeão já reaproveita 74% dos resíduos orgânicos e recicláveis que produz

Eduardo Eugenio vai além. Cita a importância de ações que extrapolam os limites do município, mas que acabam por beneficiá-lo, como a concessão da Cedae:

— A concessão do saneamento vai suscitar obras no município e fora dele. A cidade será beneficiada em termos de venda e produção de equipamentos. Além disso, haverá melhoria da Baía de Guanabara e das lagoas da Barra, onde vamos ter renda através do turismo e do esporte.

. Foto: Editoria de arte

. Foto: Editoria de arte

Como a Firjan, a Fecomércio entende que negócios combinam com revitalização. E, como contribuição para reverter o esvaziamento do Centro, assumiu o tradicional Villarino, fechado desde novembro, e abriu o Clube Senac Villarino. Perto dali, a Fecomércio vai ainda recuperar o prédio do Clube Ginástico Português, com conclusão em 2023.

— Na crise que vivemos, um ponto relevante foi o crescimento da informalidade. Entre o primeiro trimestre de 2016 e o deste ano, ela aumentou seis vezes mais no Estado do Rio do que no Brasil — desabafa João Gomes, diretor do Instituto Fecomércio de Pesquisas e Análises.

Diretor da FGV Social, Marcelo Neri sentencia:

— O Rio é a capital mais informal do Sudeste. E informalidade em alta é sinal de desajuste fiscal e social.

PUBLICIDADE

História: Peças dos tempos do imperador são achadas em escavações arqueológicas no jardim do Palácio de Cristal, em Petrópolis

Segundo distrito federal

Desajuste não falta ao olhar o patrimônio da União. O governo federal é dono de cerca de 1.200 imóveis no Rio, muitos subutilizados. O estudo que resultou no livro “Rio 2º Distrito Federal” — a ser lançado em breve e citado em artigo de Merval Pereira, no último domingo, no GLOBO — revela ainda que, 61 anos depois da transferência da capital para Brasília, um terço dos órgãos da União ainda tem sede no Rio, entre eles o IBGE, o Arquivo Nacional e o BNDES.

. Foto: Editoria de arte

. Foto: Editoria de arte

Produzido pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado (Faperj), a publicação defende que o Rio se torne um segundo Distrito Federal e diz que a salvação da cidade é questão de segurança nacional. Com a volta da capital, o Rio passaria a ter direito a 100% do ICMS recolhido na cidade, e não mais 20%, sendo redistribuído o restante para os demais municípios fluminenses.

Palácio Gustavo Capanema: Possível venda da joia modernista no Rio é alvo de protestos de arquitetos e urbanistas

— O interior do Rio já não é mais tão pobre como outrora. Muitos, por exemplo, têm direito a repasses substanciais de royalties. Municípios da Baixada também poderiam virar cidades-satélites e ter direito a uma parcela dessa arrecadação — argumenta Luiz Carlos Ramiro Júnior, um dos organizadores do livro, junto com Christian Edward Cyrill Lynch e Igor Abdalla Medina de Souza. — Mas os benefícios vão além do impacto econômico. Tem a questão da autoridade, especialmente na segurança pública. Sem falar que ações do prefeito, por vezes, esbarram em propriedade federal.

PUBLICIDADE

Extrapolando o livro, a defesa da criação da segunda capital já tem até movimento. O grupo “Rio Vamos

Vencer”, formado por empresários, políticos e representantes da sociedade civil, pensa em procurar todos os candidatos à Presidência da República para pedir que apoiem a medida e considerem o fato de que outros países têm duas capitais, com Chile, Bolívia e Holanda.

— Defendo o status de segunda capital, para que o Rio possa dar utilidade ao patrimônio federal. Os fortes, que estão ociosos, não poderiam abrigar hotéis? — pergunta o empresário Marcelo Conde, um dos fundadores do grupo.

Pérolas fluminenses: Sítio Burle Marx, Valongo, Rio, Paraty e Ilha Grande: os patrimônios mundiais do estado

Há opositores ferrenhos à ideia, como o economista Mauro Osório. Professor da UFRJ e diretor da Assessoria Fiscal da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), ele publicará o artigo “Rio de Janeiro: Crise e futuro”, num livro da Universidade Federal Rural do Rio (UFRRJ), que será lançado no fim do ano:

— O Rio foi perdendo, o que tem relação com a mudança da capital. No entanto, o desafio é integrar o estado e não segregar a cidade. É preciso que o governo federal entenda que o Rio tem que continuar sendo cosmopolita, referência internacional, e que deve ter mais gastos na cidade.

PUBLICIDADE

Reconhecimento: Sítio Burle Marx se torna Patrimônio Mundial da Unesco

Sem sustentação

Embora reconheça a relevância das propostas visando à retomada do crescimento, o arquiteto e urbanista Sérgio Magalhães adverte que elas não bastam para a recuperação do Rio. A questão central, diz ele, é o governo federal reconhecer que, após a transferência da capital, e, em 1975, com a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, sem compensações, retirou da cidade suas condições de sustentação. E, diante dessa aceitação, passar a aportar recursos suficientes para a cidade.

— O país precisa compreender que não se trata de privilégio. Por vários séculos, o Rio foi capital do país e estruturou um tipo de economia, decorrente da presença da Coroa e, depois, da República. As outras cidades construíram a sua economia de modo autônomo em função do seu próprio desenvolvimento — analisa ele. — Temos um patrimônio e uma cultura ímpares, que estão sendo deteriorados por essa falta de condições de sua sustentação. Brasília tem a segurança e o ensino fundamental patrocinados pelo governo federal. A questão da segurança precisa ser enfrentada, mas o município do Rio e o estado não estão em condições de combater a dominação territorial exercida por bandidos. São projetos macro, que precisam ter uma compreensão nova.